PsiPorã
Revista do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFGD

# A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE MASCULINA AO LONGO DO TEMPO

## THE FORMATION OF MASCULINE IDENTITY OVER TIME

## LA FORMACIÓN DE LA IDENTIDAD MASCULINA A LO LARGO DEL TIEMPO

***Luciana Gomes Martins*[1]**

**Resumo:** Assim como a feminilidade, de acordo com Money a masculinidade é uma construção social na qual estão imbricados não apenas processos sociais, mas também processos psicológicos e subjetivos. Afirma-se que é mais 'fácil' fazer uma mulher do que fazer um homem, pois, 'da concepção de um XY até a masculinidade adulta, o caminho é cheio de emboscadas'. O homem será considerado macho na medida em que for capaz de disfarçar, inibir e sufocar seus sentimentos, e a educação de um 'verdadeiro macho' inclui, necessariamente, a famosa ordem: 'homem (com H maiúsculo) não chora'. Quantos homens tiveram que engolir as lágrimas diante da tristeza, da angústia e do luto em nome dessa norma de conduta? Este artigo traz uma discussão teórica sobre o conceito de formação da identidade masculina ao longo dos séculos, buscando estabelecer sua definição da forma mais clara possível, por meio de uma revisão narrativa da literatura, visando contribuir para o trabalho de profissionais de saúde envolvidos na atenção psicossocial, bem como para os próprios homens — aqueles já formados e aqueles em processo de formação. Busca-se, assim, possibilitar que possam ao final perceber-se de maneira diferente e promover mudanças em sua forma de agir na sociedade como um todo, considerando que a transformação tanto da masculinidade quanto da feminilidade passa também pela construção de um projeto que repense o modelo de funcionamento político e social no qual homens e mulheres estão inseridos.
**Palavras-chave:** Masculinidade; Identidade de Gênero; Construção Social.

**Abstract:** Like femininity, according to Money, masculinity is a social construct in which not only social processes are intertwined, but also psychological and subjective processes. It is argued that it is 'easier' to make a woman than to make a man, because, 'from the conception of an XY to adult masculinity, the path is full of pitfalls'. A man will be considered macho to the extent that he is able to disguise, inhibit and stifle his feelings, and the education of a 'true macho' necessarily includes the famous order: 'a man (with a capital M) doesn't cry'. How many men have had to swallow their tears in the face of sadness, anguish and grief in the name of this code of conduct? This article presents a theoretical discussion on the concept of the formation of male identity throughout the centuries, seeking to establish its definition as clearly as possible through a narrative literature review, aiming to contribute to the work of health professionals involved in psychosocial care, as well as to men themselves—those already trained and those in the process of training. The goal is to enable them to perceive themselves differently and promote changes in their way of acting in society as a whole, considering that the transformation of both masculinity and femininity also involves the construction of a project that rethinks the model of political and social functioning in which men and women are embedded.
**Keywords:** Masculinity; Gender Identity; Social Construction.

[1] Faculdade Irecê, Irecê-BA, Brasil. E-mail: luciana_gomes_martins@hotmail.com ORCID https://orcid.org/0009-0001-2275-7608

PsiPorã
Revista do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFGD

**Resúmen**: Al igual que la feminidad, según Money, la masculinidad es una construcción social en la que se entrelazan no solo procesos sociales, sino también psicológicos y subjetivos. Se argumenta que es más fácil crear una mujer que un hombre, porque desde la concepción de un XY hasta la masculinidad adulta, el camino está plagado de obstáculos. Un hombre será considerado macho en la medida en que sea capaz de disimular, inhibir y reprimir sus sentimientos, y la educación de un verdadero macho incluye necesariamente la famosa orden: «un hombre (con M mayúscula) no llora». ¿Cuántos hombres han tenido que tragarse las lágrimas ante la tristeza, la angustia y el dolor en nombre de este código de conducta? Este artículo presenta una discusión teórica sobre el concepto de la formación de la identidad masculina a lo largo de los siglos, buscando establecer su definición con la mayor claridad posible a través de una revisión narrativa de la literatura, con el objetivo de contribuir al trabajo de los profesionales de la salud involucrados en la atención psicosocial, así como a los propios hombres: aquellos ya formados y aquellos en proceso de formación. El objetivo es capacitarlos para que se perciban a sí mismos de manera diferente y promover cambios en su forma de actuar en la sociedad en su conjunto, considerando que la transformación tanto de la masculinidad como de la feminidad implica también la construcción de un proyecto que replantee el modelo de funcionamiento político y social en el que hombres y mujeres se insertan.
**Palabras clave:** Masculinidad; Identidad de género; Construcción social.

A identidade masculina tem sido discutida com intensidade nas ciências humanas, sobretudo no contexto das transformações sociais e culturais que caracterizam a contemporaneidade. Longe de constituir-se como uma essência natural, a masculinidade passa a ser compreendida como uma construção histórica e social, atravessada por discursos, práticas culturais e processos subjetivos que se modificam ao longo do tempo.

Historicamente, os modelos de masculinidade foram sustentados pela naturalização das diferenças entre os sexos, legitimando desigualdades e consolidando ideais normativos de virilidade, racionalidade e controle. No entanto, mudanças ocorridas ao longo do século XX — impulsionadas pelos movimentos feministas, pelas reconfigurações familiares e pelas novas formas de organização social — contribuíram para desestabilizar esses referenciais tradicionais, evidenciando o caráter plural e dinâmico das identidades de gênero.

Autores contemporâneos apontam para a “crise da identidade”, marcada pela perda de centralidade de modelos fixos e pela multiplicidade de formas de subjetivação. Tal cenário tem exigido dos homens a redefinição de seus papéis sociais, afetivos e familiares, revelando tensões entre padrões tradicionais e novas possibilidades de vivência da masculinidade.

O presente artigo, fruto de estudos em nível de Doutorado, tem como objetivo principal analisar a formação da identidade masculina ao longo do tempo, articulando perspectivas históricas, sociais e psicanalíticas, bem como discutir as transformações contemporâneas que incidem sobre esse processo. O artigo está dividido em 5 seções, sendo esta introdução, seguida pela Formação da Identidade Masculina, pela Identidade Masculina ao Longo do Tempo, pelo Homem em Busca de uma Nova Identidade, e pelas Considerações Finais, além das Referências.

**Formação da Identidade Masculina**

A formação da identidade masculina se dá como um processo complexo e contínuo, não sendo apenas um resultado biológico, mas sim, um resultado que é construído por fatores social, cultural e psicologicamente ao longo da vida. No entanto é percebido um sistema social de dominação dos homens contra as mulheres, um sistema de opressão, e, enquanto tal, engendra mecanismos complexos para sua justificação; todo um conjunto de crenças, ideias e representações difusas que escamoteiam as relações de poder que as engendram, naturalizando-as. Um fator preponderante gerador desta forma de relação é o patriarcado. Visto por Hartmann (1984, p. 177), como um conjunto de relações sociais entre os homens, que possui uma base material, e que, embora hierárquico, estabelece ou cria interdependência e solidariedade entre os homens que os permitem dominar as mulheres. Não obstante o patriarcado seja hierárquico e homens de diferentes classes, raças e grupos étnicos ocupem posições diferentes no patriarcado, eles também se congregam em sua dominação compartilhada sobre suas mulheres; eles são mutuamente dependentes na manutenção dessa dominação.

Segundo Kaufaman (1987), o bloqueio ou negação contínua consciente ou inconsciente da passividade e todas as emoções e sentimentos que o homem associa à passividade – medo, dor, tristeza e constrangimento – é uma negação de parte do que somos. A vigilância psicológica e comportamental constante contra a passividade e seus derivados é um ato perpetuo de violência contra si mesmo.

O modelo de masculinidade hegemônica impõe restrições emocionais e expressivas aos homens que exercem, em regime cotidiano, a vigilância de seus sentimentos bloqueando canais adequados de expressão. As frustrações emocionais são canalizadas em ira e violência contra as mulheres ou outros homens ou ainda e comportamentos autodestrutivos.

A continuidade de tal sistema requer a existência de um tipo específico de ser especialmente dotado da capacidade de exercer a violência: o homem, o masculino ou o macho. É esse homem, imbuído de disposições de converter facilmente sua agressividade em agressão, que faz jus à ideia de que não se nasce homem; torna-se. O processo de sua formação é atravessado pela incorporação da violência.

A identidade sexual, uma das facetas da identidade pessoal, perpassa pela influência de diversos elementos constituídos e reproduzidos no imaginário social. Nesse sentido, Ceccarelli (2012) aponta que a sexualidade humana é constituído por meio do sexo anatômico do recém-nascido – homem ou mulher; do lugar que ele ocupa no imaginário dos pais – a construção que se faz do eu é ser filho homem e o que é ser filha mulher; da dinâmica libidinal - e os pressupostos criados sore o que deve atrair o indivíduo é o sexo oposto e, das representações sociais do masculino e do feminino, que partem de modelos e padrões tidos como aceitáveis..

**Identidade Masculina ao Longo do Tempo**

A chegada do século XIX ou o culto à masculinidade será uma consequência direta dessa mudança biológica para a política econômica e social, conforme Laqueur (1991, citado por Costa, 1995): e políticas entre homens e mulheres, justificadas pela norma natural do sexo. Em seguida, o que era efeito tornou-se causa. A diferença entre os sexos passou a ser a diferença entre os gêneros feminino e masculino que, de fato, historicamente é anterior. O sexo autonomizou-se e ganhou o estatuto de fato originário. Revolucionários, burgueses, filósofos, moralistas, socialistas, sufragistas e feministas, todos estavam acordados em especificar especificações como morais, intelectuais e sociais dos humanos, participando da diferença sexual entre homens e mulheres. (p. 128).

Há, porém, um fator biológico que pode, inclusive, tornar ainda mais complicada a aquisição da masculinidade por parte do menino: trata-se da relação de extrema intimidade e dependência da mãe durante os primeiros meses após seu nascimento.

"A formação do macho é comandada por um dado natural, universal e necessário: seu lugar de nascimento materno. Esta particularidade do menino – ou seja, ser alimentado física e psiquicamente por uma pessoa do sexo oposto - determina seu destino de modo muito mais complexo e dramático do que o da menina. (Badinter, 1942, p. 45).

Elizabeth Badinter (1993, p. 3), inicia o prólogo do seu livro "XY - sobre a identidade masculina", se perguntando "o que é um homem?", qual seria "a essência do macho humano?" e ao discutir a questão ela afirma que '[...] ser homem implica um trabalho, um esforço que não parece ser exigido das mulheres".

Ela continua dizendo que o maior elogio a um homem é dizer que ele é um verdadeiro homem. Para fazer jus a isso o homem deve, desde a adolescência, cumprir com determinados papeis que lhe se são impostos e assumir características que o qualificam como homem. A partir de suas pesquisas, Badinter, analisando a questão da crise da masculinidade, conclui que já no século XVIII esta questão já estava colocada para os homens daquela época. Segundo ela, estava implícito o medo da feminização do homem. Para eles, o fato de assumirem as tarefas que pertenciam às mulheres, os tornavam vulneráveis a se tornarem mulheres. A autora aponta que a crise da masculinidade do século XX, apresenta um diferencial.

Os primeiros estudos relativos a masculinidade dos anos 1970, traziam um tom de denúncia, contudo, a chegada da década de 1980, trazendo os desafios impostos pela globalização de mercado e a consequente transformação no modo de produção societária que acarretou no desemprego e nas incertezas para grande parte da humanidade, culminou com algumas conquistas dos movimentos feministas que recolocou novamente a questão da crise da masculinidade "[...] o feminismo ocidental é menos culpado de ter misturado os pontos de referência do que ter mostrado a nudez do rei". (Badinter, 193, p. 6). Essa crise dos anos 1980 é dada por uma dupla motivação: de um lado as mulheres ao questionarem os papeis sociais e

a relação de dominação dos homens sobre elas, fizeram "[...] evaporar-se a característica universal masculina da superioridade do homem" (Badinter, 1983, p. 6).

Badinter (1993) ao discutir a crise da masculinidade na virada do século XIX e XX identifica que os homens se sentem ameaçados em sua identidade por esta nova criatura (mulher emancipada), que quer agir como eles, ser como eles, a ponto de se perguntarem se não serão obrigados a "[...] desempenhar tarefas femininas, ou até mesmo horror supremo a serem mulheres" (Badinter, 1993, p. 16).

Os papéis definidos para os homens, via de regra, impõem para eles uma carga de responsabilidades que não lhes permitem fraquejar. Esse papel de "macho e viril" que a sociedade sexista constrói para os homens é tão nocivo e mutilador para eles quanto o é a imagem da feminilidade construída para as mulheres (Saffioti, 1987).

O homem ideal era um bastão erigido contra uma decadência; representar em palavras, em pintura e em pedra, um ideal de virilidade casta, o qual penetrou profundamente na consciência burguesa. Uma masculinidade foi uma rocha sobre uma sociedade burguesa construída boa parte de sua autoimagem, mas uma imagem idealizada pela masculinidade parece igualmente para a evolução da chamada sexualidade anormal, em grande parte, denominada pela contra imagem que usou. (Mosse, 1998, p. 304).

Freud (1933), tendo o Complexo de Édipo, a angústia de castração e a inveja do pênis como fundamentais ao desenvolvimento sexual infantil, a psicanálise clássica toma a atividade como qualidade principal, tanto de homens como de mulheres, entendendo a passividade como uma qualidade secundária. A precedência de uma qualidade a outra não exclui, contudo, a noção de que ambas estão presentes em pessoas de quaisquer sexos. Uma vez que, em 1905, Freud já afirmara a natureza bissexual de todo ser humano.

Apesar do intenso temor à castração, segundo esta visão, o menino parece ter sido mais bem separado/dividido que a menina, uma vez que esta sequer tem um pênis a ser perdido – ela já nasceu castrada. Desde o nascimento, a posse do pênis dá ao menino a garantia de um primeiro amor heterossexual, mesmo que esta orientação não venha a confirmar mais tarde, ao final do seu desenvolvimento. Contrariamente, a menina terá que lutar mais arduamente por sua heterossexualidade, uma vez que deverá substituir o amor que sente pela mãe, originalmente homossexual, pelo amor heterossexual ao pai, o que implicará em uma solução edípica bem mais complexa do que a do menino.

Estas formulações freudianas sofreram diversas críticas por parte dos diversos teóricos, feministas ou não. A partir daí, diversos psicanalistas voltaram seus estudos a fases anteriores ao desenvolvimento psicossexual humano. Entre eles está Robert Stoller, que elaborou o conceito de identidade de gênero, que vai contra algumas premissas básicas da teoria freudiana. Embora, o primeiro amor do menino seja de orientação heterossexual (com a mãe), não se pode negar que um estágio mais precoce de simbiose, no qual há uma total fusão com a mãe, pode ser um grande empecilho ao desenvolvimento de sua masculinidade, pois ao sentir-se como

parte da mãe ele também sente-se como parte de sua feminilidade e identifica-se com ela. Ou seja, o estágio simbiótico que é uma vantagem para a menina, traduz-se numa clara desvantagem para o menino. A este respeito Stoller afirma que, “dependendo de como e com qual intensidade a mãe permite ao filho separar-se, esta fase de fusão com ela deixará efeitos residuais que podem ser expressos como distúrbios da masculinidade.

O estágio da protofeminilidade coloca o menino em maiores dificuldades quanto ao desenvolvimento de sua masculinidade, e para que possa mais tarde sofrer os efeitos esperados do Édipo, será necessário que já tenha se separado suficientemente de sua mãe. A confirmação de sua identidade masculina vai precisar, portanto, de um esforço anterior de reconhecimento da mãe como uma pessoa separada de si e pertencente a um sexo diferente do seu. “Quanto mais longa, mais intima, mais mutuamente prazerosa for a simbiose mãe-bebê, maior será a probabilidade do menino se tornar feminino” e cabe ao pai por fim a este estágio fusional, promovendo uma ruptura tanto qualitativa quanto quantitativa, de modo que o bebê menino possa se diferenciar da mãe, pois só assim ele poderá vir a se identificar com o pai e desejar ter uma mulher, ao invés de desejar ser uma mulher.

Considerando que a intervenção patena seja bem-sucedida, para que a masculinidade se desenvolva, o menino precisará, ainda assim, construir “barreiras intrapsíquicas” que o afastem do desejo de completude através da simbiose com a mãe. A partir de então, ele tentara desenvolver e preservar sua masculinidade, que será marcada por um conjunto de fantasias que constituirão, então uma espécie de “ansiedade de simbiose” (Stoller, 1995). Que é um escudo protetor contra os próprios fortes desejos de ser o mesmo que a mãe, um escudo que preserva e amplia o senso de masculinidade.

No segundo e terceiro ano de vida, então, os meninos decididamente afastam-se da mãe. Eles se desidentificam com o que ela é. Mas este afastamento, esse escudo protetor, pode implicar grande número de defesas antifemininas. Assim, pode acontecer que o preço da desidentificação seja o desdém, o desprezo, às vezes até o ódio pelas mulheres, um repudio pelas partes femininas que existem neles e um medo permanente da intimidade, porque ela solapa a separação sobre a qual foi construída sua identidade masculina.

> A simbiose da menina com a mãe fortalece o senso de feminidade. Já para o menino, tal laço o torna vulnerável à “tentação” de retorno, e sua masculinidade pode ser posta em perigo. Stoller levanta a hipótese de que talvez por isso homens sejam mais propensos à perversão que as mulheres, o que o fez enveredar para a pesquisa desse quadro, das dinâmicas da excitação sexual e da pornografia, no que tange à identidade sexual. Grosso modo, no homem, a fuga para a pornografia, a fetichização e a erotização do ódio contra mulheres seriam estratégias de defesa contra a paixão do regresso à fusão inicial com a

mãe e sua consequente feminilização e perda de masculinidade (Stoller, 1998, p. 48-49).

As formulações de Stoller (1985) sugerem que os diferentes significados que serão construídos pelo menino, a partir de tais experiências, estarão sempre de uma forma ou de outra, remetidos à ansiedade de simbiose, que é apontada como sendo a principal responsável pelas representações estereotipadas do comportamento masculino. Assim, os comportamentos que as sociedades ocidentais, em geral, definem como sendo masculino é pautado por "manobras defensivas" que busca evitar o desejo de simbiose e, portanto, o retorno ao estágio de protofeminilidade.

Para Badinter (1992), a crença do amor instintivo que une a mãe ao "seu" bebê legitima a exclusão do pai e reforça o seu caráter de aparente intransponibilidade da simbiose que se estabelece entre eles. Atualmente, a maternagem já não é mais vista como um papel inerente à mulher e entende-se que ela pode ser exercida por qualquer pessoa que tenha disponibilidade afetiva para tal. Da mesma forma, o papel do pai tem sido interpretado pelos lacanianos, por exemplo, como uma função, que é exercida primariamente pela mãe, quando esta ocupou de antemão seu lugar de sujeito desejante. Se a mãe não direciona seu desejo exclusivamente à criança, o princípio masculino pode ser também desempenhado por ela e não exclusivamente pelo pai ou outra pessoa do sexo masculino. Mas, assim como já não faz sentido reduzir o pai exclusivamente à lei, à razão e ao princípio de realidade, também já não cabe mais pensar que a mãe compete apenas o princípio do prazer. Hoje em dia, sabe-se que pai e mãe devem igualmente ser referencias tanto de amor como de limite.

Os laços que unem o bebê à mãe, ou a quem quer que seja a pessoa que dele se ocupa de forma zelosa e amorosa, são a origem dos sentimentos de proteção e ternura essenciais ao desenvolvimento humano. (Badinter, 1992). A qualidade dos cuidados recebidos desde o nascimento é fundamental para o desenvolvimento da autoestima, da autoconfiança, do sentimento de não estar só, de sentir-se amparado e de tudo que pode, enfim, contribuir para que se tenha a angústia existencial reduzida e a capacidade de enfrentar a vida ampliada. Estes sentimentos podem, inclusive, ajudar o menino a suportar melhor a própria ansiedade de castração que será ais tarde promovida pelo Complexo de Édipo. Além disso, uma experiência prazerosa de feminilidade originaria poderá repercutir de forma igualmente benéfica no estabelecimento das demais relações ao longo de toda vida.

O modelo social ideal de masculinidade é descrito da seguinte forma: forte, confiante, ativo, destemido, determinado, realizador, racional, emocionalmente equilibrado, profissionalmente competente, financeiramente bem-sucedido, sexualmente arrasador. Podendo acrescentar a esta lista outros adjetivos de conotação mais pejorativa, como: frio, insensível, agressivo, arrogante, dominador, autoritário, violento e opressor. Durante o patriarcado estas características foram consideradas inerentes à "natureza" masculina e até hoje a os estereótipos

de gênero tem forte influência no cotidiano de muitos homens e mulheres. Inicialmente, influência destes estereótipos se faz presente na socialização do menino através da socialização com os pais. Mais tarde, a medida que trava contato com outros membros da comunidade, novas representações poderão ser acrescentadas, enquanto outras serão reforçadas.

Nolasco (1993), como tem sido amplamente constatado, hoje a situação do papel do homem é bem diferente. Poucos são eles que conseguem se manter no lugar de provedor exclusive da família, que via de regra não pode abrir mão do salário da mulher para custear boa parte das despesas. No trabalho, frequentemente, o homem tem que disputar com mulheres que podem desempenhar as mesmas tarefas e funções tão bem ou até melhor do que ele. Mas, além disso, sexualmente a mulher deixou de ser apenas objeto de satisfação masculina e agora exige o direito ao gozo; ela não se limita a dar prazer ao homem, pois também quer ser satisfeita.

Dois dos aspectos cruciais sobre os quais se apoiava a concepção patriarcal de masculinidade e que se encontram fortemente abalados: trabalho e sexo. (Barasch, 1997; Kehl, 1998; Gratch, 2001; Diehl, 2002), diz que inúmeros casos de disfunção sexual masculina, dentre os quais figuram, principalmente, a impotência e a ejaculação precoce, tem sido justificadas como consequências do medo que a nova mulher está causando nos homens que insistem em permanecer antigos ou que ainda não sabem qual a melhor forma de modernizar.

Assim, ao tentarem redefinir seus lugares numa sociedade eminentemente patriarcal, as mulheres e os homossexuais “coagiram” os homens a fazer o mesmo, sendo que de um modo ou de outro, estes acabariam tendo que fazê-lo em algum momento não muito distante do atual. Como diz Jacques le Rider, citado em Nolasco (1993), as inúmeras transformações a que as subjetividades contemporâneas estão submetidas refletem as “crises do individualismo, vivenciadas sob a forma de uma crise do sentimento de identidade” . O que as reinvindicações de mulheres e gays, de fato, proporcionaram foi uma maior visibilidade de uma crise que já vinha sendo gestada também por outras vias e os seus questionamentos tiveram como mérito evidenciar o qe tem sido apontado com a fragilidade inerente à própria masculinidade (Badinter, 1992; Trevisan, 1997; Ramos, 2000; Diehl, 2002).

> A revolução homossexual cumpre uma importante tarefa no cenário da crise: acirra as contradições no sentido de tirar a máscara do masculino imposto, apontado para um masculino temperado por nuances nas quais cabem o frágil e o sensível, aí incluída aquela tão execrada passividade que também compõe o macho – simplesmente porque faz parte do humano e não apenas do gênero feminino. O que pode parecer um paradoxo, do ponto de vista patriarcal, é uma aquisição importante, sem a qual não se chegará ao coração do masculino – justamente porque ele é feito de paradoxos, ao contrário do que deixa transparecer o protótipo do macho consagrado (Trevisan, 1997. p. 87-88).

Cabe ressaltar que a crítica impetrada contra a logica falocêntrica tratou o homem como sinônimo de todas as características negativas associadas ao patriarcado e o discurso, que havia inicialmente se mostrado inovador, provou-se, um pouco mais tarde, tão polarizado e estereotipado quanto os valores que pretendiam reformar. (Darcy de Oliveira, 1991; Bourdieu, 1998).

Por outro lado, pensar o feminismo como principal responsável pela crise masculina contribui para que análises mais apressadas do fenômeno coloquem, desta vez, a mulher no lugar de "vilã". Alimentar a crença de que a mulher financeiramente independente e sexualmente "liberada" representa uma ameaça para o homem contribui para a perpetuação da já tão desgastada guerra dos sexos, só que, agora, com os sinais invertidos. Goldenberg (2000), analisa matérias de jornais e revistas de grande circulação publicados durante 1998 e 1999 e constata como o discurso da mídia imprensa reforça a noção equivocada de que o homem tem medo da dita nova mulher.

> Esse discurso consolida a ideia de que a mulher independente representa um perigo para o homem e é determinante na crise que ele (e a família) atravessa. A mulher, em vez de ser vista, como uma parceira que pode tirar dos ombros do homem uma série de obrigações que lhe eram exclusivas, transforma-se em rival, disputando poder, emprego e regalias. Não é mais uma companheira a ser conquistada, mas uma inimiga a ser vencida. É a guerra dos sexos às avessas (Goldenberg, 2000; p. 28).

A idéia de que é da natureza do homem ser o "chefe" e ter o poder impõe para eles a necessidade de "controlar" a família, a mulher, os filhos. Essa forma de compreender a masculinidade vem do patriarcado que embora, tenha vigorado em outro momento histórico, se reproduz nos dias atuais de outra maneira. Therborn (2006) fala em um patriarcado do século XXI. Para ele o patriarcado não desapareceu totalmente, "[...] há um último terço da humanidade" em que ainda prevalece essa cultura. O aspecto mais importante das mudanças no patriarcado no século XX, segundo o autor, não está na sua tendência universal, mas na variação nos resultados assim como nas cronologias" (THERBORN, 2006, p. 192). É a partir do patriarcado, enquanto uma organização que tem o homem – pai/proprietário - com poder sobre o filho e para o qual deixa sua herança, que o sexo masculino foi definido como um ser humano privilegiado, dotado de alguma coisa a mais, que o coloca num patamar superior ao das mulheres.

## O Homem em Busca de uma Nova Identidade

O momento atual é de mudanças, transformações. As novas maneiras de pensar e de agir configuram a sociedade, que está deixando de lado os valores tidos como imutáveis e fixos

para ceder espaço a uma sociedade fugaz, em constantes mudanças. O sociólogo Bauman (2003; 2007) assinala que estamos vivendo em uma sociedade líquida. Nesse cenário social, emerge um sujeito que também acompanha tais mudanças.

Um movimento que Cuschnir e Mardegan Jr. (2001) chama masculismo e que, apesar do que possa estar sendo sugerido pelo termo, esse movimento não se trata de uma mera adaptação daquele anteriormente preparado pelas mulheres. Os homens estão em busca de suas próprias soluções para uma problemática que é muito particular e, sem dúvida alguma, muito distinta à das mulheres e dos gays. Igualmente, os modelos a serem adotados na construção do que chamam o novo homem não podem se limitar a absorver características tradicionalmente femininas. O masculismo é ainda um movimento incipiente, mas que representa a iniciativa de alguns homens no sentido de repensar os estereótipos vigentes e construir novos modos de estar no mundo para além das demandas e cobranças que lhes tem sido impostas nos últimos décadas. Há por parte destes homens um desejo genuíno de ocupar outros lugares e expandir suas possibilidades de realização no plano pessoal e afetivo. (Nolasco, 1993, 1995 e 1997; Betcher e Pollack, 1993).

Os grupos de homens, que tiveram início no Canadá e Estados Unidos durante os anos sessenta, foram gradativamente se estendendo a outros países. Na França houve uma dificuldade inicial em que fossem estabelecidos com a mesma independência em que ocorreu no continente americano. Valabrégue (1976), descreve os primeiros grupos de homens franceses como apêndices dos grupos feministas, sendo compostos basicamente por maridos que acompanhavam suas esposas no movimento da libertação das mulheres. Cuschnir (2000), informa que no Brasil, os primeiros grupos se formaram na década de 80 pejorativamente isto como uma “proposta típica de gays”, mas, atualmente já são respeitados e reconhecido como resultado do desejo legitimo de alguns homens por mais “qualidade de vida”. Independente da orientação sexual, através de abandono de “velhos mitos de masculinidade”. Assim, um homem insatisfeito com a indesejável e insuficiente condição de macho pode, hoje, procurar outros referenciais, oriundos de novos sistemas de valores e crenças e mais compatíveis com os tempos atuais, distintos em todos os aspectos daqueles tradicionalmente instituídos pela sociedade patriarcal.

> O esforço a ser desenvolvido pelos homens se situa hoje na reavaliação do preço que têm pago para se manter no lugar onde imaginam que devam estar. Esta reflexão amplia a visão que os indivíduos têm de si e da vida, favorecendo a revolução da representação de um super-homem para a de um homem comum. Esse caminho necessariamente pelo reconhecimento da dinâmica do próprio conflito e contradições, pela satisfação dos desejos e suas frustrações (Nolasco, 1993, p. 39).

Estudos culturais recentes revelam mudanças nas identidades dos sujeitos: as velhas identidades, como revela Hall (1997), que há tanto tempo deram estabilidade ao mundo social, tidas como unas, deixam de ser unificadas, estáveis e fixas para se mostrarem fragmentadas, descentradas e em constante processo de construção. Teóricos culturais como Woodward (2000), Hall (2000; 1997) e Silva (2000) apontam que a sociedade moderna sofreu um processo de descentralização, uma vez que o centro que dava referência estável às identidades foi desconstruído, dando lugar a uma pluralidade de centros, fazendo emergir várias identidades para os sujeitos. Além disso, está acontecendo o que esses teóricos vêm chamando de crise de identidade, pois, como afirma Woodward: —Há uma discussão que sugere que, nas últimas décadas, estão ocorrendo mudanças no campo da identidade – mudanças que chegam ao ponto de produzir uma crise de identidadell (2000, p. 16).

A desconstrução da identidade masculina tradicional deve propiciar a construção de várias novas formas de subjetivação masculina, (Pereira, 1995), lembra que nosso presente pós-moderno valoriza a ambiguidade, a fragmentação, a identificação, enfim, as zonas cinzentas do comportamento" e no que diz respeito às ideias de Robert Musil, desenvolvido no livro intitulado O Homem sem Qualidades, Nolasco (1995) esclarece que:

> [...] a crise moderna revelada como a crise de identidade ganha apoio frente ao que Musil aponta como busca de uma vida melhor. Para isto, há necessidade de permanecer em situação de disponibilidade subjetiva, de deixar seu caráter (o conjunto de qualidade) inacabado, para que com isto surjam novas combinações possíveis. É preferível uma liberdade de indeterminação a todas as certezas que subordinam à sua volta. Assim, o homem sem qualidades se afirma como um homem do possível e da experimentação, que não se alarma ao ver sua identidade passar por contínuos remanejamentos (Nolasco, 1995, p. 29).

Como, então, produzir esta nova identidade masculina? Será tentando encerrar subjetividades em modelos sociais e culturais que não necessariamente correspondem a contingencia histórica vivida, visto que todo e qualquer papel social muda de acordo com a contingência histórico, e o que hoje e desqualificado pode muito bem vir a ser recomendado amanhã.

Assim sendo, Rorty (1994, 1997) propõe que a melhor saída para a crise da masculinidade contemporânea é aquela feita através do ideal de auto-enriquecimento, ou seja, não pergunte o que realmente eu sou, qual o meu verdadeiro eu, o que de essencial existe em mim, e sim, como posso redescrever-me de maneira a viver uma vida melhor e mais harmônica.

Diria Bezerra Jr. (1994), ser um humano é ser sujeito, e isso significa poder descrever-se a se próprio e a seus semelhantes como um vocabulário que não descreve marcas ou características físicas (...) Para descrever o sujeito, é preciso fazer uso do vocabulário

intencional, mental ou psicológico; falar de crenças, desejos, medos, expectativas sonhos, ideais, vergonha, ódio, amor, cinismo, escrúpulos, audácia, etc; coisas que só se constituem e são experimentadas por meio da linguagem, portanto, da interação, da cultura, da história (p. 148).

Para Magalhães (1993), em sua investigação sobre o casamento, observou que os homens tendiam a se perceber mais compromissados com a família e os filhos, sobretudo a partir da vivência da conjugalidade. Já para Elder (2005), muitos pais contemporâneos têm evidenciado uma espécie de upgrade em relação aos seus antecessores, pois se mostram mais próximos, companheiros e participativos nas atividades com os filhos. Ou seja, os homens mudaram mais como pais do que como maridos. Sendo assim, pode-se percber que no campo da paternidade, os sinais são mais promissores.

O desempenho masculino em tarefas ditas domésticas: limpar, lavar, passar, cozinhar, arrumar, organizar o dia-a-dia da casa, cuidar das crianças, incluindo suporte emocional, contribui para o bem-estar dos membros da família e para a manutenção do lar (Lee e Waite, 2005). Em comparação com os anos 1980, apesar de as mulheres ainda arcarem com a maior parte das tarefas domésticas, observa-se a tendência de, nos grandes centros urbanos, os homens participarem um pouco mais e as mulheres, um pouco menos (Bianchi et al., 2000).

## Considerações Finais

Este estudo, no âmbito de pesquisas realizadas em nível de doutoramento em Psicologia Social, teve como objetivo analisar a formação da identidade masculina ao longo do tempo, articulando perspectivas históricas, sociais e psicanalíticas, bem como discutir as transformações contemporâneas que incidem sobre esse processo.

O texto trouxe uma discussão teórica sobre o conceito de formação da identidade masculina ao longo dos séculos, estabelecendo sua definição da forma mais clara possível, por meio de uma revisão narrativa da literatura – contribuindo para o trabalho de profissionais de saúde envolvidos na atenção psicossocial, bem como para os próprios homens já formados e em processo de formação. A partir dessa definição mais clara da masculinidade, é possível aos homens perceberem-se de maneira diferente e promover mudanças em sua forma de agir na sociedade como um todo, considerando que a transformação tanto da masculinidade quanto da feminilidade passa também pela construção de um projeto que repense o modelo de funcionamento político e social no qual homens e mulheres estão inserido.

Diante da discussão apresentada, a masculinidade não se configura como uma essência universal, mas como uma construção histórica e social, variável conforme o tempo, o contexto e as relações de poder (Badinter, 1993). Nesse sentido, os processos de construção e desconstrução da identidade masculina revelam-se complexos, atravessados por tensões que evidenciam o esgotamento dos modelos tradicionais de gênero.

As transformações contemporâneas, ao desestabilizarem referenciais normativos rígidos, colocam homens e mulheres diante da necessidade de ressignificar seus lugares sociais e subjetivos. Esse cenário, frequentemente interpretado como uma “crise”, pode também ser compreendido como um campo de possibilidades, no qual emergem formas mais plurais e flexíveis de vivenciar a masculinidade.

Dessa forma, pensar a identidade masculina na atualidade implica reconhecer sua dimensão relacional, histórica e processual, bem como problematizar os discursos que ainda sustentam desigualdades de gênero. A construção de novas formas de subjetivação mostra-se, portanto, fundamental para a promoção de relações mais equitativas e para o desenvolvimento de modos de existência menos restritivos e mais integrados.

## Referências

Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Nova Fronteira.

Badinter, E. (Org.). (1991). *Palavras de homens (1790 – 1793): Condorcet, Prudhomme, Guyomar et al.* Nova Fronteira.

Badinter, E. (1993). *XY: sobre a identidade masculina*. Nova Fronteira.

Badinter, E. (2003). *A ambição feminina no século XVIII*. Discurso Editorial; Duna Dueto; Paz e Terra.

Betcher, R. W., & Pollack, W. F. (1993). *In a time of fallen heroes: the recreation of masculinity*. The Guilford Press.

Bezerra Jr., B. (1994). Descentramento do Sujeito: Reflexão sobre um Implícito pouco pensado. In J. F. Costa (Org.), *Redescrições de Psicanálise: Ensaios Pragmáticos*. Relume-Dumará.

Bianchi, S. M., Milkie, M. A., Sayer, L. C., & Robinson, J. P. (2000). Is anyone doing the housework? Trends in the gender division of household labor. *Social Forces*, *79(*1), 191–228.

Ceccarelli, P. R. (2012). O que as homossexualidades têm a dizer à psicanálise (e aos psicanalistas). *Bagoas: Revista de Estudos Gays*, *(8)*, 103-123.

Costa, J. F. (1992). *A Inocência e o Vício: estudos sobre o homoerotismo*. Relume-Dumará.

Costa, L. F., Penso, M. A., & Féres-Carneiro, T. (1992). Reorganizações familiares: As possibilidades de saúde a partir da separação conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 8, 495-503.

Costa, P. G., & KATZ, G. (1992). *Dinâmica das relações conjugais*. Artes Médicas.

Costa, P. G. (1997). *Conflitos da vida real*. Artes Médicas.

Cuschnir, L. (1992). *Feminino-Masculino*. Rosa dos Tempos.

Cuschnir, L., & Mardegan, J. R. E. (2001). *O homem e suas máscaras*. Campus.

Elder, G. H., JR. (2005). The life course and human development. In R. M. Lerner (Org.), *Handbook of child psychology* (6. ed.). Wiley.

Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Imago.

Freud, S. (1996). Novas conferências introdutórias à psicanálise (1933). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Imago.

Hall, S. (1997). The Spectacle of the "Other". In S. Hall (Ed.), *Representations: Cultural representations and signifying practices* (pp. 223-279). The Open University.

Hall, S. (2001). *A identidade cultural na pós-modernidade* (5a. ed.). DP&A.

Hartmann, H. (1984). The Unhappy Marriage of Marxism and Feminism: Towards a More Progressive Union. In A. M. Jaggar & P. S. Rothenberg (Orgs.), *Feminist frameworks: alternative theoretical accounts of relations between women and men*. McGraw-Hill.

Kaufman, M. (1987). The construction of masculinity and the triad of men's violence. In M. Kaufman (Ed.), *Beyond Patriarchy: Essays on Pleasure, Power, and Change*. Oxford University Press.

Kaufman, M. (1999). *Las siete P´s de la violencia de los hombres*. http://www.michaelkaufman.com/wpcontent/uploads/2009/01/kaufman-las-siete-ps-de-la-violencia-de-loshombres-spanish.pdf

Lee, Y.-S., & Waite, L. J. (2005). Husbands' and wives' time spent on housework: a comparison of measures. *Journal of Marriage and Family*, *67*(2), 328–336.

Magalhães, M. O. (2008). Relação entre ordem de nascimento e interesses vocacionais. *Estudos de Psicologia*, *25*(2), 203-210.

Money, J., Hampson, J. G., & Hampson, J. L. (1955). An examination of some basic sexual concepts: the evidence of human hermaphroditism. *Bulletin of the Johns Hopkins Hospital*, 97, 301–319.

Mosse, G. L. (1998). *A imagem do homem: a criação da masculinidade moderna*. Companhia das Letras.

Nolasco, S. (1993). *O mito da masculinidade*. Rocco.

Pereira, C. A. M. (1995). Que homem é esse? O masculino em questão. In S. Nolasco (Org.), *A desconstrução do masculino* (pp. 53-58). Rocco.

Rorty, R. (1994). Contingência, Ironia e Solidariedade. Editorial Presença.

Rorty, R. (1997). *Objetivismo, Relativismo e Verdade: Escritos Filosóficos I*. Relume-Dumará.

Saffioti, H. I. B. (1987). *O poder do macho*. Moderna.

Saffioti, H. I. B. (1988). Movimentos sociais: face feminina. In N. V. Carvalho (Org.), *A condição feminina*. Vértice.

Saffioti, H. I. B. (1991). Novas perspectivas metodológicas de investigação das relações de gênero. In M. A. M. Silva (Org.), *Mulher em seis tempos*. UNESP.

Saffioti, H. I. B. (1992). Rearticulando gênero e classes sociais. In A. DE O. Costa & C. Bruschini (Orgs*.), Uma questão de gênero*. Rosa dos Tempos; Fundação Carlos Chagas.

Saffioti, H. I. B. (1999). *Gênero e patriarcado: violência contra as mulheres*. PUC–São Paulo.

Silva, T. T. (Org.). (2000). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Vozes.

Stoller, R. (1993). *Masculinidade e feminilidade: Apresentações de gênero*. Artes Médicas.

Valabrègue, C. (1976, 11 de outubro). *Eux, les hommes. Femmes suisses et le Mouvement féministe: organe officiel des informations de l'Alliance de Sociétés Féminines Suisses*, 8.

Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In T. T. Silva (Org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Vozes.